

Configurações do discurso machista na internet: O blog *Testosterona* e os embates ideológicos na era digital

Marianna Michelle Medina¹

Resumo: No presente trabalho, propõe-se uma leitura crítica do blog *Testosterona*, observando como ocorre a descrição das características femininas, reduzindo-as a uma classificação unívoca, de acordo com o ponto de vista pretensamente masculino e hegemônico. Para tal análise, utiliza-se as teorizações de Susan Faludi, Elisabeth Badinter e Simone Beauvoir.

Palavras-chave: Ideologia; Discurso; Machismo.

Abstract: *In this paper, we propose a critical reading of the blog Testosterona, watching as the description of the female characteristics occurs, reducing women to a univocal classification in accordance with the masculine and hegemonic viewpoint allegedly. For this analysis, we use the theories of Susan Faludi, Elisabeth Badinter and Simone Beauvoir.*

Keywords: *Ideology; Speech; Machismo.*

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Viçosa.



Introdução

O Blog Testosterona foi fundado em junho de 2008 e encontra-se atualmente no portal da MTV. Além de seu caráter humorístico e satírico, transmite significados e construções sociais relacionados às relações de gênero presentes na vida cotidiana, e proporciona uma socialização através da manutenção/formação de um modelo de masculinidade. O conteúdo virtual se divide em *postagens* temáticas (Mundo Macho; Listas; Mulheres; Vídeos; Tirinhas; Sexta das Gostosas; Leitoras e *Acid Girl*), todas relacionadas à vida do homem heterossexual engendrado no estereótipo do “macho moderno” e da mulher, quando relacionada, dentro de determinados códigos, com esse universo masculino.

O blog é descrito pelo próprio administrador como de caráter humorístico. (...) “uma criação da mente perturbada de Eduardo Mendes. Cínico, sarcástico, manipulador e mentiroso. Um rapaz que acredita que toda mulher é uma rainha e a cozinha o seu castelo.” (MENDES, 2008). Daí já se pode perceber a *proposta* do material desenvolvido por Mendes e como este se relaciona com um ideal de masculinidade alicerçado em ideais de virilidade e posse. (BADINTER, 1996, p. 168).

Nota-se em quase o todo o conteúdo do blog a necessidade de afirmar a masculinidade por meio de *postagens* misóginas, que retratam as mulheres ora como objetos, que estão à disposição dos homens e podem ser usados em qualquer momento, independente de seu consentimento, ora como seres que devem se mostrar sempre recatados, voltados para o lar e que desempenham todas as tarefas domésticas enquanto o homem se dedica ao trabalho, funcionando, assim, como o provedor do lar. Percebe-se que esse pensamento está fortemente ligado a uma sociedade patriarcal, que oprime tudo aquilo que não se assemelha à classe dominante, ou seja, homens brancos e heterossexuais.

No blog *proposto* para análise, as mulheres, bem como o movimento feminista, são vistos como inimigos naturais da masculinidade e tudo aquilo que visa contestar o lugar de dominador do homem é imediatamente estigmatizado e deslegitimado. Ao apontar as mulheres (especialmente as feministas) como aquilo que deve ser vencido, os homens, no entanto, ignoram que não é o movimento ou o “sexo *oposto*” o responsável pela criação do estereótipo de machão ao qual eles se



vêm forçado a atender, mas antes a cultura, que dita desde o vestuário até o modo como as pessoas devem se comportar para serem socialmente aceitas e ocuparem um lugar privilegiado na sociedade.

Partindo para a estrutura textual do blog Testosterona, é importante abordar um dos recursos muito utilizados nos textos do autor do blog que é o recurso de topicalização, fenômeno em que a palavra ou expressão que queremos dar ênfase é deslocada para a esquerda, ou seja, em posição inicial na sentença. Verifica-se, nesse caso, como se pretende discutir *posteriormente*, que o recurso em questão, além de evidenciar uma marca textual específica, serve para referendar uma série de construções discursivas e ideológicas relacionadas às diferenças de gênero.

Além de ressaltar sobre a topicalização no site em questão, é fundamental para esta pesquisa analisar determinadas formações textuais/discursivas, as quais constroem e reafirmam preconceitos e modelos cristalizados de identidade. Tais fenômenos vem sendo amplamente discutidos, no âmbito da linguística e da literatura pela Análise do Discurso Crítica e pela Crítica Cultural que veem nas construções discursivas perigosas armadilhas para reafirmação de relações de poder assimétricas (FOUCAULT, 1987).

Desse modo, este trabalho tem o intuito de analisar e criticar a constituição da masculinidade, através dos *posts* do blog "Testosterona", considerando tanto os aspectos inerentes à análise do discurso e à estilística quanto os valores discursivos que permeiam tais questões se relacionam, de forma marcante, com as teorias feministas que muito contribuíram para os estudos de gênero e para a (des) indexação de valores normativos culturais e ideológicos. (BUTLER, 1990)



1. O macho moderno: novas subjetividades, velhos dilemas

Percebe-se, em termos gerais, que o que a sociedade exige, tanto dos homens quanto das mulheres, não se alterou muito, nas últimas décadas. Deles continua sendo cobrada a virilidade e, em menor escala, que sejam capazes de sustentar um lar. Além disso, percebe-se que ainda não comandados pela cultura na qual estão inseridos, de modo que embora não se assemelhem ao Homem do Marlboro, outros estereótipos de masculinidade surgiram para que se busque adequação. As mulheres, por sua vez, ainda não conquistaram algumas das liberdades a respeito das quais Simone de Beauvoir falava: ainda não possuem pleno direito sobre o próprio corpo, ainda há distinção na remuneração e abusos de todos os tipos continuam a ocorrer, além de continuarem a ser consideradas culpadas pela violência sofrida.

Assim, embora tais textos tenham sido escritos em contextos sócio históricos bastante diferentes do que está inserido o Blog Testosterona, percebe-se que eles se mostram extremamente frutíferos para a análise do site, uma vez que seu senso de humor se pauta na dicotomia homem x mulher, bem como na reafirmação dos estereótipos citados.

Isso se torna evidente no blog Testosterona na medida em que se percebe *postagens* misóginas e homofóbicas. Nota-se que, na perspectiva do autor do blog, o homem deve desprezar quaisquer traços de sua personalidade que possam remeter a feminilidade para, dessa forma, conseguir construir a sua identidade enquanto macho. É perceptível a necessidade de subjugar as mulheres por meio de piadas pautadas em um senso comum, que os movimentos feministas se esforçam por desconstruir e que se mostram deslocadas do contexto da contemporaneidade, como pode ser notado pelo exemplo abaixo:



//MUNDO MACHO

ELOGIOS PRA SE FAZER NO DIA DA MULHER

Por: **Edu** | Em: **Mundo Macho** | 08 de março de 2013

Tweetar 70 | Curtir 1,3 mil | Enviar +1 +18



Elogios pra se fazer no Dia da Mulher

Aquela última varrida na sala, o jeito que você movimentou a vassoura foi sensacional.

Esse silêncio ressalta seus olhos!

Muito boa essa partida que você deu no carro, não precisa de nada mais que isso.

Que maravilha de tempero!

Olha como essa camiseta está bem passada, se fosse uma picanha eu comeria.

Que beleza de cozinha, hein? Está brilhando!

A maneira na qual você mergulhou minhas cuecas na água fez toda a diferença. Parabéns.

Figura 1 – “Humor” machista do blog Testosterona.

O que se nota é a necessidade de manter as mulheres numa posição de alguém cujas responsabilidades consistem apenas em cuidar da casa e do homem. Alguém que não tem capacidade para dirigir, uma tarefa que por muito tempo foi considerada masculina e que até hoje há quem diga que as mulheres não podem desempenhar tão bem quanto os homens. Nota-se, ainda, o reforço da ideia de que



as mulheres falam e reclamam demais (“Esse silêncio ressalta seus olhos”). Por meio dessa frase, percebe-se que o autor da *postagem* não está interessado em ouvir o que a mulher possa vir a ter para dizer, reforçando a ideia de que mulheres são apenas objetos decorativos e que, como tal, não devem expressar opiniões. O fato de a mulher escolhida para ilustrar a *postagem* ser negra também contribui para o reforço de ideias racistas.

Além disso, percebemos no blog analisado que a característica mais marcante da masculinidade é a heterossexualidade, de modo que *postagens* onde as mulheres passam por um processo de reificação são abundantes, bem como aquelas que denotam a sua necessidade de um homem para desempenhar uma gama variada de tarefas, colocando-as ainda como o “sexo frágil”, que tem a necessidade de alguém que funcione como seu protetor e provedor. Nesse sentido, Elisabeth Badinter observa que:

A definição do gênero implica espontaneamente a sexualidade: quem faz o que, e com quem? A identidade masculina está associada ao fato de possuir, tomar, penetrar, dominar e se afirmar, se necessário pela força. A identidade feminina, ao fato de ser possuída, dócil, passiva, submissa. “Normalidade” e identidade sexuais estão inscritas no contexto da dominação da mulher pelo homem. Dentro desta óptica, a homossexualidade, que implica na dominação do homem pelo homem, é considerada, senão uma doença mental, pelo menos uma perturbação da identidade de gênero (BADINTER, 1993, p. 99).

Portanto, assim como o movimento feminista representa uma “ameaça a masculinidade”, a homossexualidade também se mostra um inimigo significativo. Elisabeth Badinter discute em *XY: sobre a identidade masculina*, que até se chegar ao conceito (e ao próprio nome) que se tem atualmente de homossexualidade, ela passou por diversas tentativas de análise e compreensão por parte da mais variada gama de estudiosos. Desse modo, no capítulo “Identidade e preferência sexual”, são apresentadas diversas definições, partindo do ponto de vista religioso, médico, psicanalítico, etc., até que se construa a noção atual de homossexualidade.

Num primeiro momento, ela era tratada como um crime, conhecido pelo nome de sodomia, e caracterizada como “a relação carnal entre dois machos ou duas fêmeas” (BADINTER, 1993, p. 100). Porém, nem todas as formas de homossexualidade eram encaradas como um crime, de maneira que somente aquelas onde “haja coito, introdução do pênis no ânus, “a fim de que se distinga da simples



volúpia (polução, masturbação) obtida mutuamente entre macho e macho e fêmea e fêmea” (BADINTER, 1993, p. 100) vão ser tratadas desse modo. Tanto por se mostrar absurda quanto insuficiente, essa definição aos poucos se alterna e na última parte do século vitoriano, surge a noção de que o homossexual é uma “espécie particular”.

O surgimento de novos termos, como homossexual e invertido, para tratar a respeito do assunto se mostra importante, na medida em que funciona como a “criação de uma essência, de uma doença psíquica e de um mal social. O nascimento do “homossexual” é o nascimento de uma problemática sexual e de um intolerância que sobreviveram até os nossos dias” (BADINTER, 1993, p. 102). Assim, a homossexualidade passa a ser interpretada não mais como um crime, mas como um desvio da sexualidade compreendida pela sociedade como normal, que “provém de um “instinto” cujo objeto natural seria o outro sexo” (BADINTER, 1993, p. 103).

É então que se cria o conceito de heterossexualidade para tratar a normatividade, que demarca a diferença entre os sexos e liga a identidade de gênero com a identidade sexual do indivíduo.

A partir disso, para não ser visto como homossexual, o homem deveria rejeitar quaisquer traços femininos presentes em sua personalidade. Caso contrário, seriam compreendidos como efeminados e, portanto, uma ameaça ao futuro da humanidade.

Operou-se um consenso para estigmatizar esses homens efeminados, incapazes de se reproduzir! Na Inglaterra, assim como na França, as atitudes anti-homossexuais estão ligadas ao temor do declínio do império. Não têm conta os textos que evocam com angústia as conseqüências desastrosas da redução da natalidade! O homossexual ameaça a nação e a família. Mas ele é também “um traidor da causa masculina”. Os próprios médicos condenam esses homens efeminados, que não cumprem suas obrigações de homens. Acusam-nos de falta de grandeza de alma, de coragem e devoção; deploram sua vaidade, suas indiscrições, suas tagarelices. Em suma, são “mulheres frustradas, homens incompletos”. (BADINTER, 1993, p. 104)

Logo, o que antes era compreendido como uma parte da identidade de uma pessoa passa a assumir um papel principal dentro de sua definição. Elisabeth Badinter discute que antes de ser nomeada, a homossexualidade era apenas um fragmento na constituição identitária de determinado sujeito. Quando a ciência dá a ela um nome e, através desse nome, determina que um tipo de comportamento é

homossexual, percebe-se que a “identidade homossexual, tal como a conhecemos, é, portanto, uma produção da classificação social, cujo principal objetivo era a regulação e o controle. Nomear era aprisionar” (BADINTER, 1993, p. 105). Surge, assim, a ideia e os estudos a respeito dos *Sissy boys*, que consistiriam em rapazes de comportamento feminino, manifesto desde a infância, por meio de gestos e maneiras de falar. Esses rapazes demonstrariam interesse especial por roupas de mulher, bem como por brincadeiras compreendidas como femininas.

Esses estudos, porém, desconsideram que mesmo que os homossexuais sejam uma minoria, há diversidade dentro do grupo. Desse modo, acabam por encarar a homossexualidade como algo que se manifesta da mesma maneira em todas as pessoas, desconsiderando a pluralidade existente e criando também um estereótipo, algumas vezes caricato. O que foi discutido encontra exemplo na *postagem* reproduzida abaixo:



Figura 2 – Configurações do discurso machista

A palavra “babado” é compreendida na *postagem* como uma gíria homossexual, que serve para designar um assunto que causa alguma espécie de choque. Por ser amplamente utilizada por *gays* e mulheres, um “homem de verdade”



não pode fazer uso de tal vocábulo ou estará reforçando traços femininos de sua personalidade. Assim, o seu uso só será permitido quando inserido num contexto sexual, onde não haja brechas para que qualquer outra significação seja atribuída à palavra. Percebe-se, assim, que o blog Testosterona prega uma espécie de retorno a valores tradicionais, onde não há espaço para o feminismo e a homossexualidade. O autor do blog parece recusar qualquer tentativa de se demonstrar a igualdade entre os sexos e entre hetero e homossexuais, na medida em que faz piada e estigmatiza tudo aquilo que não é utilizado pela “classe dominante”.

2. O Blog Testosterona e a propagação do discurso machista na internet

Propõe-se a análise de 3 *posts* do Blog Testosterona. Optou-se por escolher *posts* do ano de 2013, por se considerar que estes são mais pertinentes ao contexto vivenciado. Porém, o argumento decisivo para essa escolha foram as diversas represálias sofridas pelo autor do blog do ano de 2010 a 2012. Blogs feministas, como da professora Lola Aronovich, a página do Facebook (e Tumblr) chamada “Machismo chato de cada dia” e o blog colaborativo Blogueiras Feministas, teceram críticas duras ao Testosterona.

Entre as *postagens* mais comentadas estava um vídeo onde diversas formas de violência, entre elas o estupro, eram encorajadas como maneira de formas “convencer” as mulheres a praticarem sexo anal. Foram organizadas petições online, bem como protestos de grupos feministas para que a MTV retirasse o blog do ar, mas a emissora se esquivou dos pedidos dizendo, em uma *postagem* no Facebook, que a opinião retratada pelos colaboradores do portal MTV em seus blogs pessoais não refletia a opinião da emissora.

Esperava-se que, depois de tantos protestos e comentários negativos, a MTV, no mínimo, alertasse o autor do Testosterona quanto aos comentários misóginos feitos na página e, dessa maneira, o caráter do blog se alteraria um pouco. Porém, o que se observa pelas *postagens* de 2013 é que o caráter antifeminista permanece, bem como a homofobia e, algumas vezes, o racismo. Dessa maneira, as *postagens*

escolhidas pertencem todas ao referido ano, pois se busca demonstrar como o caráter do blog permaneceu o mesmo, ainda que isso arriscasse parte do prestígio da emissora a qual é vinculado.



Figura 3: A *postagem* do Testosterona que sofreu represálias (esq.) e a *postagem* da página “O machismo chato de cada dia” a respeito do posicionamento da MTV.

Foram selecionadas *postagens* onde o machismo se mostra escancarado e é manifesto por meio de arcaísmos que não se fazem mais pertinentes ao contexto do século XXI. Percebe-se, pelo conteúdo das mesmas, que ao contrário do que o senso comum costuma dizer, as mulheres ainda possuem muitos direitos por conquistas, sendo o principal deles o respeito diário. Não apenas por parte dos homens, visto que alguns comentários no blog Testosterona partem das próprias mulheres.

A primeira *postagem* selecionada foi publicada no Dia Internacional da Mulher, intitulada “Dia da Mulher é todo dia”, que traz a imagem abaixo:



Figura 4 – As “mulheres perfeitas”.

Notamos que a *postagem*, além de reforçar a ideia machista de que o papel da mulher está restrito ao ambiente do lar, ainda coloca em questionamento a própria existência de uma data que comemore o dia da mulher (embora o próprio sentido da comemoração possa ser questionado). Criado devido às operárias que morrem queimadas enquanto lutavam por salários iguais aos dos homens, o objetivo do 8 de março não é apenas lembrar o acontecido. As mulheres que inspiraram a data lutavam por igualdade, de modo que esta deve servir como maneira de se repensar questões de gênero e da luta feminista e não apenas como mais um motivo para presentear alguém. A luta por respeito e direitos igualitários é diária e, portanto, não deve ser lembrada em apenas um dia.

Ao pensarmos a imagem percebemos que ela deslegitima todas essas questões, uma vez que aponta o dia da mulher como mais um dia de opressão patriarcal, em que ela deve estar confinada ao ambiente doméstico, cuidando de afazeres que não deveriam ser atribuídos apenas a ela. O fato de a modelo na foto estar usando apenas lingerie e um avental colabora ainda para colocar as mulheres como objetos e, dessa forma, tornar a *postagem* mais atrativa para o público leitor do blog. Por tudo o que foi discutido, essa *postagem* representa um retrocesso na maneira de se compreender o papel feminino na sociedade uma vez que, segundo



Simone de Beauvoir (1970, p. 7), as mulheres, já na década de 1940, estavam destronando o mito de que precisavam ser sempre femininas e atrativas para os homens, bem como estavam conquistando sua independência, no sentido de poder assumir funções sociais significativas. Já haviam conquistado o direito de voto e, a partir da Segunda Guerra Mundial, o direito de trabalhar fora de casa.

Porém, a autora ressalta que a ausência de mudanças sociais profundas, especialmente no que tange a mentalidade da época, fazia com que a sociedade ainda se mostrasse hostil aos avanços femininos, de modo que embora o casamento não fosse mais a única maneira encontrada pela mulher de deixar a casa dos pais, elas ainda precisavam se subjugar, de alguma forma, ao patriarcado. Fosse pela anulação de sua feminilidade, frequentemente utilizada como ferramenta de conquista de respeito e independência, ou mesmo por meio de coisas internalizadas, uma vez que as mulheres que viveram no contexto de produção de *O segundo sexo* ainda se encontravam presas às ideias de mulheres de tempos anteriores, responsáveis por sua educação e criação. Desse modo, Beauvoir destaca que:

As mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade; começam a afirmar concretamente sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano. Educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino, seu destino normal é o casamento que ainda as subordina praticamente ao homem; o prestígio viril está longe de se ter apagado: assenta ainda em sólidas bases econômicas e sociais. É pois necessário estudar com cuidado o destino tradicional da mulher. Como a mulher faz o aprendizado de sua condição, como a sente, em que universo se acha encerrada, que evasões lhe são permitidas, eis o que procurarei descrever. Só então poderemos compreender que problemas se apresentam às mulheres que, herdeiras de um pesado passado, se esforçam por forjar um futuro novo. Quando emprego as palavras “mulher” ou “feminino” não me refiro evidentemente a nenhum arquétipo, a nenhuma essência imutável; após a maior parte de minhas afirmações cabe subentender: “no estado atual da educação e dos costumes”. Não se trata aqui de enunciar verdades eternas, mas de descrever o fundo comum sobre o qual se desenvolve toda a existência feminina singular (BEAUVOIR, 1970, p. 7).

A segunda *postagem proposta* para análise opera de maneira análoga na medida em que busca satirizar os protestos do grupo feminista conhecido como FEMEN, como pode ser visto a seguir.



Figura 5 – A melhor defesa é o ataque.

Surgido na Ucrânia, o grupo de ativismo feminista (ou neofeminista, como as mulheres pertencentes gostam de se intitular) busca, por meio de protestos onde as manifestantes se encontram semi-nuas, contestar questões relacionadas ao machismo. O grupo, porém, sofre duras críticas por parte das próprias feministas, uma vez que suas *propostas* não são muito explícitas, de modo que seu neofeminismo não fica claro. Segundo a professora Lola Aronovich, em *postagem* no blog *Escreva Lola Escreva*, o FEMEN vem ganhando espaço na mídia por contar com mulheres que se encontram dentro do padrão midiático de beleza protestando de *topless* e por saber fazer uso da propaganda gerada em torno disso.

No Brasil, o grupo ativista é representado por Sara Winters, uma moça de vinte anos que, em algumas ocasiões, soa imatura e incoerente ao defender as *propostas* do FEMEN. Além disso, a moça se envolveu em algumas polêmicas, pois foi descoberto que ela possui uma tatuagem de um símbolo nazista perto da nuca e que em outras ocasiões ela definiu seu pensamento político como integralista nacionalista. Outra dúvida que cerca Winters tange ao pseudônimo que adotou, uma vez que não se consegue determinar se é uma homenagem à cantora Emilie Autumn ou à alemã nazista Sarah Winter.



Por fim, pode-se citar a principal das declarações incoerentes que Sara, que consiste num *post*, citado por Lola Aronovich em seu blog, onde a moça se posiciona contra a Marcha das Vadias, questionando as roupas utilizadas pelas manifestantes, bem como o embasamento do protesto que, para ela, tem como único objetivo atrair mídia. Sara, por sua vez, se defende dizendo que mudou e que o contato que teve com nazistas e outros grupos intolerantes, se deu durante a sua adolescência, quando ela tinha entre 15 e 17 anos. Mas mais preocupante do que a mudança brusca da única representante do FEMEN no Brasil, é a ausência de embasamento político da moça, que diz não considerar necessário definir o seu novo posicionamento.

Porém, independente das incoerências do grupo, a *postagem* do blog Testosterona ataca não somente aos protestos realizados pelo FEMEN, mas ao ativismo de modo geral. É como se ver na imprensa depois da realização de marchas pelos mais variados temas, notas sobre como os ativistas atrapalharam o trânsito de determinada cidade. Pouca coisa é comentada a respeito das *propostas* dos grupos, de modo que, ao público leigo, qualquer manifestação soa como baderna, algo que funciona apenas como meio de atrapalhar o “cidadão honesto” no trajeto para um determinado lugar.

Nesse caso, porém, o autor da *postagem* opta por fazer uso do FEMEN para empreender a crítica aos protestos devido às vacas presentes na imagem apresentada. O ataque se dá no sentido de que ao comparar as mulheres com um animal que está deitado na estrada, pelo mesmo motivo que estaria deitado em qualquer, o autor deseja transmitir a ideia de que não há reflexão nos protestos dos grupos feministas. Mesmo que as *propostas* do FEMEN sejam mal delineadas, a imagem faz mais do que demonstrar isso: ela deslegitima o grupo por completo.

Por fim, a última *postagem proposta* para análise nos apresenta um clichê típico do repertório de frases machistas:



Figura 6 – Ironia sub-reptícia: duas faces da mesma moeda?

Segundo um *post* retirado do Blogueiras Feministas chamado “Mulher no volante sofre machismo constante”, a adoração por carros começa ainda na infância e, raramente, vê-se pais comprando miniaturas de automóveis para as filhas. Esse tipo de presentes é exclusividade dos meninos, de modo que somente eles constroem algo relacionado ao ato de dirigir. Assim, como não há estímulos para que as mulheres desempenhem tal tarefa, no sentido de que os carros seriam um dos símbolos da masculinidade, é comum quando algo corre errado no trânsito e o motorista de um dos carros envolvidos em um acidente ou algo do tipo, é uma mulher escutar-se a frase “tinha que ser mulher”. Isso enfatiza o quanto a sociedade patriarcal não considera as mulheres aptas a realizarem essa tarefa.



Considerações Finais

Através deste trabalho, foi possível perceber o quanto o machismo ainda é presente em nossa sociedade, herança de séculos de dominação patriarcal. Embora as mulheres tenham adquirido vários direitos na atualidade, notou-se que estereótipos sexistas continuam fazendo parte do cotidiano das mesmas, em uma tentativa (frustrada, talvez?) de uma recuperação dos valores hegemônicos totalizadores das categorias de gênero.

Observou-se em quase todo o conteúdo do blog Testosterona a ânsia de afirmar a masculinidade por meio de estereótipos e *postagens* misóginas, descrevendo as mulheres como objetos voltadas única e exclusivamente para as tarefas domésticas e para satisfazer o homem sexualmente. O sexo feminino é visto como inimigo do sexo masculino e tudo aquilo que refuta o lugar de dominador do homem é imediatamente criticado e deslegitimado. Para isso, o blog supracitado usa todas as artimanhas necessárias para criticar e atacar o sexo feminino, utilizando-se desde os léxicos mais ideológicos pertencentes ao discurso machista aos recursos sintáticos que possuem grande valor apreciativo.

Em suma, a análise das *postagens* foi um fator primordial para o desenvolvimento desta pesquisa, pois os exemplos analisados comprovaram que a língua encerra valores, crenças e ideologias e, por isso, uma simples escolha lexical ou a posição em que é disposto um sintagma no texto pode representar muito mais do que imaginamos. A partir da análise do blog em questão, constatou-se que a ideologia apresentada pela linguagem introduz e reforça preconceitos que permeiam a sociedade, neste caso, o machismo.

Diante de tudo, espera-se que este estudo possa colaborar para todos que se interessem pela temática, servindo de incentivo a outras pesquisas e desenvolvimento de novas teorias sobre gênero e discurso. Da mesma forma, acredita-se que o presente trabalho lançará ao panorama dos estudos discursivos a possibilidade de



múltiplas análises que englobem as problemáticas sobre os sujeitos contemporâneos e respectivas formações ideológicas e culturais.

Referências

- BADINTER, Elisabeth. Identidade e preferência sexual. In: **XY: sobre a identidade masculina**. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- BEAUVOIR, Simone. A mulher independente. In: **O segundo sexo II: a experiência vivida**. Trad. Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BRAIT, B. (Org.)(2005) Estilo In: **Bakhtin: Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização. Brasileira, 2003.
- _____. **Bodies that matter: on the discursive limits of "sex"**. New York: Routledge, 1993.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia & PAIVA, Maria da Conceição (orgs.). **Mudança lingüística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.
- FALUDI, Susan. **Domados: Como a cultura traiu o homem americano**. Trad. Talita Rodrigues. Rio de Janeiro, Rocco, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____. **História da Sexualidade III: O cuidado de si**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. 37. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 186-214.
- HENRIQUES, Claudio Cezar, 1951. **Estilística e discurso[recurso eletrônico]: estudos produtivos sobre texto expressividade do português/** Claudio Cezar Henriques. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- KOCH, I. V. 1984. **Argumentação e linguagem**. São Paulo, Cortez.



LI, Charles N.; THOMPSON, Sandra A. Subject and topic: a new typology of language. In: **LI, Charles N. *Subject and topic***. New York: Academic Press Inc., 1976.

MENDES, Eduardo. **Testosterona**: o blog do macho moderno. Disponível em: <http://testosterona.blog.br/>. Acesso: 14/04/2013.

PONTES, Eunice. ***O tópico no português do Brasil***. Campinas: Pontes, 1987.

SIMON, Maria Lúcia Mexias. **A construção do texto, coesão e coerência textuais, conceito do tópico**. Rio de Janeiro: Simon, 2008.

VASCO, Sérgio Leitão. **Construções de tópico no português: as falas brasileira e portuguesa**. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ / FL, 1999.

Aceito em 30/01/2014.